



Poços de Caldas

# 3º Congresso Nacional de Educação

## REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: RELATO DE VIVÊNCIA

Aline Bichels<sup>1,2</sup>, Aguinaldo Souza dos Santos<sup>1,3</sup>, Giseli Sikora<sup>1,4</sup>, Gislaine Cristina Vagetti<sup>5</sup>, Valdomiro Oliveira<sup>6</sup>.

Eixo temático: **Currículo, metodologia e práticas de ensino**

Forma de apresentação: **relato de vivência**

**Resumo:** a reflexão é um passo importante para a promoção da mudança. **Objetivo:** relatar a experiência da professora de Educação Física e suas reflexões didáticas. **Metodologia:** relato das observações e análises sobre a prática docente. **Resultados e Discussão:** as crianças têm seus desejos ignorados em um meio educacional com pouco espaço destinado à escuta, à oportunidade de escolha e decisão. Elas têm uma visão de mundo particular (apesar de ser oriunda do seu contexto) e isso deve ser considerado, no trabalho com este grupo. **Considerações Finais:** as pesquisas precisam priorizar a criança valorizar sua voz e planejar aulas para além dos objetivos do mundo adulto, para o mundo infantil.

**Palavras-chave:** Educação física escolar, reflexão.

### 1 INTRODUÇÃO

A reflexão sobre a ação docente contribui para a reestruturação do planejamento, e conseqüentemente, das atividades propostas e realizadas com as crianças.

Ressalta-se, nesse processo, a importância de deixar um espaço para a criança construir suas relações de convivência e aprendizado a partir das brincadeiras e do tempo livre, com e sem intervenção de um adulto.

Portanto, o objetivo deste estudo é relatar as reflexões sobre a prática docente na Educação Física, a partir do conhecimento apreendido na disciplina.

---

<sup>1</sup> Doutorando(a) em Educação (UFPR). Membro Centro de Pesquisa em Educação e Pedagogia do Esporte (CEPEPE - UFPR).

<sup>2</sup> [alinebichels18@yahoo.com.br](mailto:alinebichels18@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> [aguisouza@uol.com.br](mailto:aguisouza@uol.com.br) / Bolsista Capes.

<sup>4</sup> [gi.mclima@gmail.com](mailto:gi.mclima@gmail.com)

<sup>5</sup> Professora Doutora. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Envelhecimento Humano (CPEH - UFPR) [gislainevagetti@hotmail.com](mailto:gislainevagetti@hotmail.com)

<sup>6</sup> Professor Doutor. Coordenador CEPEPE - UFPR, [oliveirav457@gmail.com](mailto:oliveirav457@gmail.com)



Poços de Caldas

# 3º Congresso Nacional de Educação

## 2. MATERIAIS E MÉTODOS

Estudo de enfoque qualitativo, descritivo, (SAMPIERI, COLLADO, LUCIO; 2013) que visa relatar uma experiência.

Instrumento: descrição da observação participante das práticas profissionais como professora de Educação Física, há 5 anos na rede municipal.

Local de realização de uma entrevista e prática docente: Escola Municipal de Curitiba, regime integral, cerca de 500 alunos do 1º ao 5º ano e classe especial, localizada na região norte da capital. Turmas atendidas pela professora: 1ºs anos A, B, C, 2ªA, 3ªA, Classe Especial. Cada uma destas turmas era formada por 30 crianças, com exceção do 1ªA (25 alunos por ter um aluno que necessita de atenção especial) e Classe Especial (10 crianças com idade até 14 anos). As crianças iniciam o 1º ano com 5 ou 6 anos de idade.

Decidimos manter o relato em primeira pessoa.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Algumas dúvidas cercam meu agir profissional, como o equilíbrio entre o falar e o ouvir. Entre o aguardar atenção das crianças ou pedir silêncio para efetivar o tempo da aula.

Entre os debates levantados em uma disciplina, comentei que levo meus alunos ao parquinho da escola quando eles “merecem”. Afirmação que gerou discussão em torno do “merecer”. Os estudos apontam a importância do brincar, das relações criadas nas brincadeiras, principalmente as que são organizadas pela própria criança.

Segundo Corsaro (2011, p.129), “na perspectiva de reprodução interpretativa, as atividades de crianças com seus pares e sua produção coletiva de uma série de culturas de pares são tão importantes quanto sua interação com adultos.”

Compreendi que as crianças não precisam “merecer” ir ao parquinho. Simplesmente elas precisam ir. Nem serem orientadas 100% das aulas. Elas precisam de tempo para comunicação, para escolherem as brincadeiras, para viverem. Este fato ressaltou a fala antiga de um aluno, ao ser questionado por mim, sobre qual aula de Educação Física ele mais gostava. Dentre todas as aulas planejadas, todos os materiais comprados ou especialmente confeccionados, o preferido por este aluno foi surpreendente: “parquinho”. As crianças sempre pedem para irem ao parquinho. Ao ser indagada uma respondeu que só tem acesso ao parquinho da escola...

A crescente institucionalização das crianças com múltiplas agências de ocupação, faz delas seres “sem tempo para procurar descobrir os seus limites, nem espaço para conhecer o sabor da liberdade.” (SARMENTO, 2004, p.9).

Esse novo conhecimento levou-me a repensar a minha prática, às escolhas, à atenção dada, na medida do tempo possível, à fala de cada criança, aos desejos ora individuais ora coletivos. Não abandonei minha metodologia, mas valorizei os momentos oportunos à brincadeira livre no parquinho (principalmente em dias de sol, sem chuva, sem lama) ou em qualquer outro local. Reforço que é possível trabalhar os conteúdos da Educação Física no parquinho, como elementos da ginástica, das brincadeiras de faz de conta.



Poços de Caldas

# 3º Congresso Nacional de Educação

A criança faz uma interpretação da realidade, utilizando as informações que lhe foram acessíveis no ambiente familiar, escolar, meios de comunicação, etc. Por isso a importância do ouvir a criança, descobrir sua visão particular de mundo. Para ilustrar esta afirmação, resolvi questionar uma menina do 1º ano, 6 anos, escolhida por ter sido a última a ficar na sala ao bater o sinal para o recreio. Lancei palavras espontaneamente e pedi para ela defini-las.

“O que é”...

Escola: pra estudar.

Casa: pra dormir, pra ficar.

Parque: pra brincar.

Mercado: pra pegar as coisas para comer.

Shopping: Quando a pessoa fica com fome e vai lá comer um sorvete.

Hospital: Quando a criança fica doente.

Cemitério: Quando a criança fica mo... ai eu tô com vergonha de falar isso... Quando a pessoa cai, se machuca e depois vai para o caixão.

Farmácia: comprar remédio.

Academia de ginástica: Pra chegar na praia, pra ficar magrinha.

Aula de educação física: brincar.

Ciências: Estudar.

Português: Estudar.

Ensino religioso: Escrever.

O que mais você estuda? Matemática, Português...

Recreio: Pra gente brincar; quando chover a gente vai ter que brincar lá dentro.

Chuva: Quando pinga água. Jesus que faz vir água.

Amor: Quando as pessoas ficam apaixonadas.

Dor: Quando a gente sente uma dorzinha aqui na barriga.

Tristeza: Quando a gente... aaaai que tristeza.

Alegria: Quando a gente fica brincando.

Saudade: Quando a gente fica no colégio e sente saudade da nossa mãe.

O que você mudaria no seu corpo? Mudaria??? Eu faria brincar.

Brincar com seu corpo? Não.

Não entendi; se você pudesse mudar alguma parte do seu corpo, o que você mudaria?

Eu mudaria... ai, não sei o que você está falando...

Se você pudesse mudar, por exemplo: esse meu pé é assim, eu quero um pé diferente.

Eu também quero um pé diferente.

O que você mudaria, ou não mudaria nada? Eu quero mudar meu cabelo.

Por que? Como você quer que fique seu cabelo? Curtinho, assim ó.

Gostaria do seu cabelo curtinho? Não gosta dele comprido? Porque é muito feio.

Feio? Quem disse? Ah, eu acho ele feio.

Qual criança você acha o cabelo bonito? Da Isabely, Rafaely.

Quer falar mais alguma coisa? Quero falar que a gente nada lá na piscina.

O que você acha da professora Aline? Bonita. Que mais? Charmosa.

Mais alguma coisa ou só? Só.

Posso mostrar este vídeo para minha professora e meus colegas? Aham.



Poços de Caldas

# 3º Congresso Nacional de Educação

Sarmiento (2013, p. 15) chama a atenção do leitor para a “análise dos mundos da criança a partir de sua própria realidade, a auscultação da voz da criança como entrada na significação de seus mundos de vida e a aceitação da criança como ser completo e competente.” A criança não é um seremdevir, é um serqueé, pois qualquer fase da vida é um eterno seremdevir.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprendi a ouvir mais e valorizar o querer dos alunos, não o suficiente e necessário, mas o possível em cada aula de 50 minutos (entre lanches, chamada, hino nacional, bilhetes colados na agenda, bilhetes aos pais pedindo colaboração dos filhos nas aulas, etc.).

Fica o registro da necessidade de proporcionar atividades variadas, sobre a cultura corporal do movimento, mas, tão importante quanto, é proporcionar um ambiente favorável à criatividade, à troca de experiências e conhecimento entre as crianças.

## 6. REFERÊNCIAS:

CORSARO, William. **Cultura de pares de crianças e reprodução interpretativa.** *In: A sociologia da infância.* 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SAMPIERI, Roberto Hernandez; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Coleta dos dados.** *In: Metodologia de pesquisa.* São Paulo: McGraw Hill, 2013.

SARMENTO, Manoel Jacinto. A sociologia da Infância e a sociedade contemporânea: desafios conceituais e praxeológicos. *In: ENS, Romilda Teodora e GARANHANI, Marynelma Camargo (orgs).* **Sociologia da infância e a formação de professores.** Curitiba: Champagnat, 2013.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas Encruzilhadas da segunda modernidade. *In: SARMENTO, Manuel Jacinto e CERISARA, Ana Beatriz.* **Crianças e Miúdos. Perspectivas sociopedagógicas da infância e Educação.** Porto: Asa editores, 2004.